Anais do I Colóquio Latino-Americano de

ANTROPOLOGIA DA DANÇA

27 a 31 de maio de 2019

Florianópolis - SC

Giselle Guilhon Antunes Camargo
Líliam Cristina Barros Cohen
Luciane Moreau Coccaro
Márcio Pizarro Noronha
Maria Acselrad
Paulo Murilo Guerreiro do Amaral

(Organização)

ANAIS

I COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE
ANTROPOLOGIA DA DANÇA

Existir! Resistir!
Arte e Ciência em Movimento

UFSC-UFPA
(Colaboração entre IFES)
Editora do PPGArtes/UFPA

2024

Giselle Guilhon Antunes Camargo
Líliam Cristina Barros Cohen
Luciane Moreau Coccaro
Márcio Pizarro Noronha
Maria Acselrad
Paulo Murilo Guerreiro do Amaral

(Organização)

ANAIS

I COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE
ANTROPOLOGIA DA DANÇA

Florianópolis, 27-31 de maio de 2019

Existir! Resistir!
Arte e Ciência em Movimento

Colaboração entre IFES – UFSC-UFPA (2017-2019)

Editora do PPGArtes/UFPA
2024

O Espírito de Tudo: gênese de um evento

Maria Acselrad
Márcio Pizarro Noronha
Cinthia Creatini da Rocha
Giselle Guilhon Antunes Camargo
Paulo Murilo Guerreiro do Amaral

1. *E não havia nada / Mas o espírito de tudo*

[Paulo Murilo Guerreiro do Amaral]

Foi na Assembleia Geral do **V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia** (V Enabet), realizada em Belém, Pará, em 2011, que conheci a dançarina e antropóloga das Artes – que vem atuando na Antropologia da Dança e, por que não dizer, também, na Etnomusicologia – Giselle Guilhon. Deste ponto dou início à minha narrativa, e talvez nele mesmo eu a finalize. Isto porque, ao falar da aproximação de Giselle com a Etnomusicologia, acabo por falar, na contramão, da aproximação que nós, etnomusicólogos, com menos ou mais consciência, estabelecemos com a Antropologia da Dança e com a própria dança enquanto expressão e linguagem.

Para não ser pedante e falar de um campo de saber que não domino, volto no tempo pouco mais de uma década e deixo toda a responsabilidade para a Giselle, aquela "estranha" desconhecida que pediu para se manifestar diante de uma plateia de cientistas musicais. Assim, confiando menos em minha memória do que na de minha colega, pedi-lhe que revivêssemos o momento daquela sessão plenária. Deste modo quero agradecer a ti, Giselle, muitíssimo, pelas mensagens de áudio que me enviaste, além das indicações bibliográficas e da tua bela quadrilogia de livros intitulada 'Antropologia da Dança'. Era disto que eu precisava para elaborar este texto que se propõe, em breves palavras, a narrar um episódio. Para além, se for o caso, eu apreciaria bastante se este relato, de caráter memorialístico, servisse como registro inacabado de um marco particularmente relevante para a Etnomusicologia, assim como para a Antropologia da Dança.

Giselle Guilhon apresentou à Assembleia da **Associação Brasileira de Etnomusicologia** (ABET) uma moção em favor de esta entidade encampar a área de

conhecimento da Antropologia da Dança. Sua aprovação proporcionaria que pesquisadores (não apenas antropólogos da dança, eu imagino) e protagonistas da dança se filiassem à ABET. Uma vez acolhida por esta comunidade científica, a Antropologia da Dança passaria a ter representatividade nacional, ou mesmo internacional. Vale considerar o vínculo da Associação com o ***International Council for Traditional Music*** (ICTM) [alterado para ***International Council for Traditions of Music and Dance*** (ICTMD)] assim como a abrangência internacional de seus eventos. A criação da ABET foi oficializada em 2001, no Rio de Janeiro, no âmbito da 36ª Conferência do ICTM. [E foi justamente no modelo do ICTM, no que concerne à sua relação com a Antropologia da Dança (ou Etnocoreologia) – refiro-me ao **Ethnocoreological Study Group**, incorporado aos eventos do ICTM – que Giselle se inspirou ao propor a moção.]

Em relação àquele ICTM, de 2001, não posso deixar de perceber e ressaltar curiosa sincronicidade: de que Giselle Guilhon, à época com 31 anos, e nossa querida colega Maria Acselrad, então com 25, estavam participando, como ouvintes, de um histórico evento, realizado entre os dias 4 e 11 de julho na Escola de Música da UFRJ/Campus Urca (Rio de Janeiro), ocasião em que se criou, como mencionei, a ABET, e da qual os três (elas e eu) somos associados. Eu ainda não as conhecia. [Tampouco Giselle e Maria se conheceram durante o 36ª ICTM. Elas só viriam a se encontrar no GT 'Antropologia da Música e da Dança' da 23º Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2002, em Gramado, Rio Grande do Sul.] Grandes nomes da Antropologia da Dança e da Etnomusicologia mundiais estavam presentes: Adrienne L. Kaeppler (EUA), Anca Giurchesco (Romênia/Dinamarca), Andree Grau (Inglaterra), Anthony Seeger (EUA), Hugo Zemp (França), Jean-Michel Beaudet (França), Ursula Hemetek (Áustria), entre outros. Quem poderia supor, naquela ocasião, que Beaudet, Kaeppler e Zemp seriam competentemente traduzidos por Giselle e Maria [além do etnomusicólogo Leonardo Pires Rossi] na épica coletânea ***Antropologia da Dança I***? (Ver ACSELRAD & GUILHON, 2019)

Dez anos mais tarde, na ABET de 2011, a moção proposta por Giselle decorreu de três circunstâncias: 1ª) a comunidade de pesquisadores de Antropologia da Dança é insuficiente para justificar a criação de uma sociedade independente; 2ª) existe a necessidade de superar a posição histórica subalterna ocupada pela dança (forma cultural expressiva) e pela Dança (área

de conhecimento); e 3ª) a Antropologia da Música/Etnomusicologia e a Antropologia da Dança/Etnocoreologia constituem linguagens/áreas entrelaçadas.

A primeira circunstância parece-me clara e autoexplicativa. Em texto intitulado 'Antropologia da Dança no Brasil: passos e compassos de uma caminhada não-linear' (2019), Giselle Guilhon e Maria Acselrad constroem uma genealogia pouco extensa, mas extremamente representativa, de pesquisadores brasileiros vinculados à Antropologia da Dança. Pouco extensa porque, exatamente, a comunidade não reúne muitos nomes. Em outra perspectiva (hipotética e, provavelmente, alheia à intenção de Giselle de encontrar, no Brasil, "morada" para a Antropologia da Dança), o aspecto genealógico simplesmente desapareceria ao se levar em conta a Dança como área mais abrangente. Neste último sentido, posso comentar que a aparição curricular da Dança ainda acontece, com maior frequência, nas interfaces que estabelece com outros campos de conhecimento. Conforme Gonçalves e Osório (2012: 14) encontra-se "pouco sistematizada ou dispersa na literatura antropológica, figurando associada a diferentes tópicos, tais como ritual, folclore, magia e religião." Não pelos mesmos motivos, mas em quaisquer dos contextos mencionados, a criação de uma sociedade independente para a Antropologia da Dança seria pouquíssimo viável.

Quanto à segunda circunstância, compreendo a ideia da superação da subalternidade da dança como fundamento da própria Antropologia da Dança. Aventuro-me a fazer esta consideração ao pensar na Antropologia da Música, analogamente, como ciência que busca entender a música não como produto e essência, mas como processo (passível de metamorfoses e de toda sorte de interpretações) dentro de seus respectivos contextos culturais. Subalternidade historicamente amargada, também, pela Música, desde a tripartição da Musicologia em Sistemática, Histórica e Comparada, no fim do século XIX, até o surgimento da Etnomusicologia, lá por meados do século seguinte, e de sua constituição como subcampo "transgressor" (desafiando a condição essencial e universal de seu próprio objeto) voltado a estudos sobre saberes e práticas musicais estabelecidos à margem dos *mainstreams* socioculturais.

De tão "transgressora", a Etnomusicologia (ou Antropologia da Música) acabou se tornando, no Brasil, em virtude de seus fundamentos antropológicos, mas não apenas por esta razão, uma ciência gradativamente potente, em especial desde a década de 1990, quando

despontou como disciplina em Programas de Pós-graduação. Sem dúvidas vem respondendo, resistente e consistentemente, à sua condição de subalternidade.

A Etnomusicologia travou feroz batalha com suas origens situadas no âmago de uma ciência musical pretensamente "dura" – a Musicologia. Com a Antropologia da Dança não deve ter sido tão diferente. Nesta esteira comenta Maria Acselrad, em entrevista concedida a Giselle Guilhon, que, em sua primeira atividade profissional com esta linguagem (uma composição coreográfica baseada nas estruturas das Danças Dramáticas do Brasil, de Mário de Andrade), o propósito de questionar "padrões hegemônicos de dança" já se fazia presente (ACSELRAD *apud* CAMARGO & ACSELRAD, 2019: 139). Enquanto saber-fazer supostamente subalterno, a dança (e aqui não me refiro a todas), assim como a música, deve travar seus combates ao transgredir/resistir os/aos *stablishments*.

A proa hegemônica da dança, porém, se consubstancia em formas "intocáveis" e "irrepreensíveis" tais como o *ballet*, cristalizado na arte e no enciclopedismo ocidentais. Quero supor, mesmo podendo estar errado (e é bem possível que eu esteja), que essa forma, sozinha, ocuparia o panteão da Dança, ao menos do ponto de vista do senso comum, que é o meu. Já a Música coleciona uma profusão de exemplos. São muitos "deuses" ocupando o panteão sonoro. Talvez porque seja mais fácil, para mim, falar de música do que de dança. Entre muitas situações que enxergo no universo da Música, posso citar a proa hegemônica do Romantismo, fortemente arraigada nas preferências de escuta das elites brasileiras, e cujas heranças teriam influenciado o relativo fracasso da Semana de 1922 quando da tentativa de apresentar ao país uma arte "nova", "moderna", "autêntica" e "nacional". A música romântica equivaleria, analogamente, ao *ballet*.

No diálogo entre as duas linguagens, e deste norte não pretendo me esquivar, devem existir relações nada sutis de hegemonia e submissão. Na seara musical, a ópera talvez não figure como exemplo tão cabível, uma vez que representa, para a Música, o que o *ballet* representaria para a Dança.

As duas circunstâncias levam-me a comentar sobre uma interpelação sofrida por Giselle na Assembleia. O questionamento girou em torno da não necessidade de se criar espaços, na ABET, para a dança, uma vez que, do ponto de vista de quem o formulou, esta linguagem já se encontraria plenamente integrada à abordagem etnomusicológica. Em resposta, Giselle comentou sobre a condição subalterna da dança/Dança que precisa ser superada. Ainda

segundo a pesquisadora, existem teorias próprias da Antropologia da Dança que não são provenientes da Etnomusicologia. Quer dizer, a Antropologia da Dança não pode, simplesmente, ser fagocitada pela Etnomusicologia, ainda que os empréstimos mútuos entre esses campos do saber sejam, de acordo com Giselle, muito mais da Etnomusicologia para a Antropologia da Dança do que o inverso. (CAMARGO, 2019)

Uma lista, tendenciosa ao afeto, de etnomusicólogos brasileiros que investigam também a dança, do ponto de vista antropológico, inclui, entre vários, os colegas Deise Montardo e Carlos Sandroni, respectivamente vinculados às Universidades Federais do Amazonas e de Pernambuco. A esta lista agrego personalidades da Antropologia interessadas pela dança, tais como: Daniela Botero Marulanda, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Felipe Berocan Veiga, da Universidade Federal Fluminense (UFF); Giselle Guilhon Antunes Camargo, da Universidade Federal do Pará (UFPA); Karin Maria Véras, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR); Luciane Moreau Coccaro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Patrícia Silva Osório, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Renata de Sá Gonçalves, da Universidade Federal Fluminense (UFF); Maria Acselrad, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja trajetória de pesquisa, marcada pela presença referencial de Jean-Michel Beaudet e Carlos Sandroni, encontra-se conectada à Etnomusicologia de modo patente; e a própria Giselle Guilhon, da Universidade Federal do Pará (UFPA), cuja iniciação na Etnomusicologia está ligada à pessoa de Rafael José de Menezes Bastos, eminente pesquisador de música ameríndia nas terras baixas da América do Sul.

A terceira circunstância abrange, exatamente, possíveis entrelaces entre a Etnomusicologia e a Antropologia da Dança. Quero tocar, aqui, de modo um tanto ensaístico, em questões que penso corroborarem o intento de compreender a importância da Antropologia da Dança para a Etnomusicologia. Na perspectiva inversa, há quem saiba discorrer, bem melhor do que eu, sobre a importância da Etnomusicologia para a Antropologia da Dança. Considero três momentos vinculados a esta circunstância: 1º) a presença da dança, do corpo e do movimento na abordagem etnomusicológica; 2º) a Antropologia da Dança está para a Antropologia da Música, assim como a dança na Antropologia está para a música na Antropologia Musical; e 3º) a *Performance* como perspectiva etnomusicológica e ponto de interseção entre as Antropologias da Dança e da Música. Na presente coletânea, o artigo por mim assinado explora, um pouco mais, tais circunstâncias, tendo em perspectiva compreender,

guardadas as devidas idiossincrasias, (des)caminhos de aproximação, e além, entre as ciências do som e do corpo em movimento aqui referidas. [O artigo completo, 'Em Busca de uma "Morada" para a Antropologia da Dança no Brasil: reflexões a partir de uma moção apresentada à ABET no V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia' integra a Seção 4 dos Anais, intitulada '**Antropologia da Dança e Etnomusicologia: trânsitos teóricos**'.]

2. *Quando ainda não havia / Tomou forma de uma jia / Espírito de tudo*
[Maria Acselrad]

Levaria, ainda, seis anos para que a **Associação Brasileira de Etnomusicologia** (ABET) acatasse, na prática, a moção proposta por Giselle na ENABET de 2011. Pelo que soube, no encerramento da ENABET de 2015, realizada no auditório da Reitoria da UFSC, Carlos Sandroni sugeriu (informalmente) que Giselle conversasse com Vincenzo Cambria, que passaria a presidir a ABET pelos dois anos seguintes, sobre a possibilidade de resgatar a proposta de 2011, dando maior visibilidade à Antropologia da Dança na ENABET, que seria realizada em 2017, na UNIRIO. "Conversei muito rapidamente com Vincenzo, em pé, ao Término da Plenária de encerramento do evento", diz Giselle.

Quase dois anos depois (em fins de 2016), o etnomusicólogo Vincenzo Cambria convida-nos formalmente para organizarmos [Giselle e Maria] um GT e uma Mesa Redonda de Antropologia da Dança para a ENABET de 2017. A Mesa, intitulada 'Antropologia da Dança: abordagens teóricas e experiências etnográficas', foi composta por Maria (eu), Giselle, Gleide Cambria, Zéca Ligiéro e Carlos Sandroni (mediador).

Nessa ocasião histórica em que, pela primeira vez, uma das principais Mesas da programação da Enabet dedicava espaço privilegiado para as pesquisas na área da Antropologia da Dança, reconhecendo seu lugar de importância, pudemos visibilizar tanto a genealogia da produção acadêmica mundial, desde os seus considerados primórdios europeus e norte-americanos – com evidência para o fato de essa produção científica ser, sobretudo, feminina (Gertrud Kurath, Adrienne Kaeppler, Joann Kealiinohomoku, Judith Lynne Hanna, entre outras) – quanto sua expressão teórica, metodológica, etnográfica e pedagógica no campo da Antropologia da Dança e também dos Estudos da Performance, no contexto brasileiro. Ali, eu compartilhava pela primeira vez algumas descobertas das primeiras incursões no campo de minha pesquisa de doutorado sobre a relação *dança* e *guerra* entre os Caboclinhos de

Pernambuco, enquanto Zeca Ligiéro fazia uma retrospectiva da sua produção artística e reflexiva junto aos grupos com os quais desenvolveu pesquisas em contexto brasileiro e latino-americano. Destaco a participação de Gleide Cambria, maestra de dança afro-brasileira que, desde Ilhéus ao Rio de Janeiro, vem formando gerações e gerações de dançarinos e que, para além de sua trajetória que liga os terreiros de angola aos palcos e salas de aula de dança, ainda trouxe para o evento uma apresentação de dança de força memorável. Todas essas falas revelavam uma coerente e consistente produção no campo da Antropologia da Dança.

3. *Num determinado dia / E vê a cara da Jia / Gente que toma um vinho*

[Giselle Guilhon Antunes Camargo]

A realização do **I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança** estava prevista em meu Projeto de Colaboração Técnica com a UFSC (2017-2019). A ideia inicial era inserir o Colóquio de AD na programação do **Congresso Mundial de Pesquisa em Dança CID-UNESCO**, evento que eu pretendia realizar em Florianópolis, na UFSC, em abril de 2019, com o aval do Conselho Internacional de Dança – CID-UNESCO. Cheguei a fazer alguns contatos, inclusive por telefone, com o então Presidente da instituição, Alkis Raftis, da Grécia, que se mostrou favorável à realização de um evento mundial na capital catarinense.

Como nada nesta vida é previsível, o plano inicial de fazer o Colóquio atrelado ao CID-UNESCO foi, aos poucos, perdendo força, especialmente depois que comecei a compor duas Comissões Organizadoras (de 'Bem-Estar' e de 'Lançamento de Livros') do **18th IUAES World Congress** [Congresso Mundial de Antropologia], promovido pela International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), que seria realizado em Florianópolis, entre 16 e 20 de julho de 2018.

Meu envolvimento com o **18º Congresso Mundial do IUAES** começou em 29 de setembro de 2017, quase dois meses após o início formal de minha Colaboração Técnica com o Instituto Brasil Plural (IBP) e o Departamento de Antropologia da UFSC. O convite – tanto para trabalhar na Organização do evento quanto para propor um Painel Aberto (*Open Panel*) veio da professora Miriam Pillar Grossi, vice-presidente, à época, do IUAES, e Coordenadora Geral do evento. Agendamos uma conversa para que eu pudesse expor e discutir as ideias que eu tinha em mente como alternativas de *Open Panel*. Fazia alguns anos que não conversávamos pessoalmente, e foi um enorme prazer revê-la e reativar nosso canal de comunicação.

Compartilhei com Miriam meu envolvimento com a Psicanálise e a Terapia de Integração Craniossacral, além de informá-la sobre a pesquisa que estava desenvolvendo no IBP e na UFSC: '**Etnografando Etnografias:** mapeamento das pesquisas em Antropologia da Dança realizadas no Brasil entre 1990 e 2020, com ênfase na produção da/na Amazônia e Região Sul'. Miriam ouviu-me, atentamente, como quem vai processando cada informação, para depois dar uma indicação assertiva: "Acho que deves propor um **Painel Aberto** que esteja atrelado à tua pesquisa aqui na UFSC! Em outro momento tu propões algo em diálogo com a Psicanálise, ou mesmo com as Terapias Integrativas Complementares!". Em novembro de 2017 inscrevemos [Giselle Guilhon e Patricia Aschieri, da Universidade de Buenos Aires] o Painel Aberto '**Panorama da Antropologia da Dança: genealogias, contribuições teórico-metodológicas, pesquisas recentes**'; e, em abril de 2018, propusemos [Ana Cláudia Costa (doutoranda, à época, pelo PPGArtes/UFPA), Giselle Guilhon (UFPA/UFSC), Natacha Muriel (UFAL) e Patricia Aschieri (UBA/UNTREF)] o *workshop* 'Retorno ao Corpo: o movimento como ponto de partida para a pesquisa antropológica em dança. Experiências compartilhadas de/com/através das danças que pesquisamos – *Kadish* [Ana Cláudia], *Tango* [Natacha], *Butoh* [Patricia], *Sama* [Giselle]'. As duas propostas foram aceitas e inseridas na Programação oficial do **18th IUAES World Congress**. Ainda em abril de 2018, passei a integrar a Comissão de Bem-Estar, ministrando (para as equipes organizadoras do Congresso) aulas de Yoga mescladas com práticas integrativas; e, logo depois, no dia 08 de maio, comecei a atuar na Comissão de Lançamento de Livros, passando gradativamente a coordená-la.

Após quase um ano e meio de preparação e muito trabalho, começou o evento, finalmente! Ainda que tudo estivesse bem encaminhado e organizado, eu não conseguia me desligar completamente dos Lançamentos de Livros naqueles dois primeiros dias de *Open Panel*. Ao mesmo tempo, estava comprometida com a coordenação do OP '**Panorama da Antropologia da Dança**', do qual eu não poderia me ausentar. O Painel começou, nos dois dias, com mais de uma hora de atraso. Optamos por não cortar a fala de ninguém, muito menos abreviar as discussões finais. Uma trama afetiva-intelectiva também se formava ali, e não queríamos nos desgrudar. Assim sendo, as sessões da manhã terminaram, na segunda e na terça, após as 13hs, de modo que não consegui estar nos Lançamentos, programados para iniciar às 12hs. Enquanto assistia às apresentações do Painel, recebia solicitações várias, por *e-mail* e *whatsapp*, relacionadas à Feira de Livros. Se fosse alguma demanda urgente, respondia,

discretamente, na mesma hora. Se não fosse, deixava para responder no intervalo ou quando possível. Estar no Painel e não poder estar nos Lançamentos, nesses dois primeiros dias, foi um exercício forçado de desapego. Eu me sentia ligada aos autores (com quem conversava há meses, por e-mail) – queria estar com eles, conhecê-los (ou reconhecê-los) pessoalmente, escutá-los, prestigiá-los. Ao mesmo tempo, queria permanecer no Painel de Antropologia da Dança, com a *tribo de gente que sabe o modo de ver esse fato todo*... O prazer de estar no Painel contrastava com a angustiante privação de não estar nos Lançamentos.

O Painel Aberto **Panorama da Antropologia da Dança: genealogias, contribuições teórico-metodológicas**, **pesquisas recentes**, coordenado por Giselle Guilhon (eu) e Patricia Aschieri, nos dias 16 e 17 de julho de 2018, na sala 314 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), contou com a participação de 18 pesquisadoras/es, provenientes de 4 países e representantes de 9 instituições acadêmicas: Argentina – **Patricia Cristina Aschieri**: docente no curso de Graduação em Artes Combinadas [Dança] da Universidad de Buenos Aires (UBA), no curso de Música [Superior e Técnico] com orientação em Etnomusicologia do Conservatório Superior de Música Manuel de Falla, e na Licenciatura em Psicomotricidade da Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF); Brasil – **Giselle Guilhon Antunes Camargo**: atua nos cursos de Graduação em Dança e, eventualmente, Música, no Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) e no Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Colaboração Técnica, à época (2017-2019) com o Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); **Carolina Dias Laranjeira**: docente no curso de Graduação em Dança e no Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); **Daniela Botero Marulanda**: recém-doutora, à época, pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atualmente professora substituta da UFBA; **Dóris Dornelles de Almeida**: docente, à época, no curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa (UFV), atualmente professora da UFRGS; **Felipe Berocan Veiga**: docente no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense (UFF); **Karin Maria Véras**: professora do curso de Graduação em Dança da Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR); **Natacha Muriel López Gallucci**: docente, à época, dos cursos de Graduação em Filosofia e Música da Universidade Federal do Cariri (UFCA), hoje professora

da Universidade Federal do Alagoas (UFAL); **Ana Claudia Moraes**, **Ana Cláudia Pinto da Costa**, **Ana Rosângela Colares Lavand**, **Arianne Roberta Pimentel Gonçalves** e **Dayse Maria Pamplona Puget**: recém-doutoras pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade Federal do Pará (UFPA); **Lorena Nunes de Araújo**: graduanda em Dança, à época, na Faculdade de Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA); **Ceila Portilho Maciel**: recém-doutora pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Performances Culturais (PPGIPC) da Universidade Federal de Goiás (UFG); **Tarsila Chiara Albino da Silva Santana**: recém-doutora pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Reino Unido – **Jonathan Skinner**: docente nos cursos de Graduação em Antropologia e Pós-graduação em Antropologia da Saúde da University of Roehampton; e Suíça – **Ana Laura Rodriguez Quiñones**: professora Assistente no curso de Teologia e Ciências da Religião da Université de Lausanne.

Note-se que 12 dos 18 participantes do OP de Antropologia da Dança do 18th IUAES World Congress também estavam presentes no **Colóquio de AD**: Ana Cláudia Costa, Ana Cláudia Moraes, Carolina Laranjeira, Ceila Portilho Maciel, Cinthia Creatini da Rocha, Daniela Botero Marulanda, Dóris Dornelles de Almeida [virtualmente, em ambos os eventos] Felipe Berocan Veiga, Giselle Guilhon, Karin Maria Véras, Natacha López Gallucci, Patricia Aschieri e Tarsila Chiara Santana. Isso porque – e é precisamente aqui que estamos fazendo história – alguns de nós (Ceila, Daniela, Felipe, Giselle, Natacha e Patricia) [tendo Ana Laura Quiñones (Suíça), Jonathan Skinner (Inglaterra) e Betânia Duarte (Brasil) como colaboradores] nos reunimos no *hall* da Reitoria da UFSC, logo após o encerramento de nosso OP, em 17 de julho de 2018, para pensarmos juntos a estrutura do **I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança**, a ser realizado em fins de maio de 2019. O óvulo havia sido fecundado.

4. *Dizem que existe uma tribo / De gente que sabe o modo / De ver esse papo todo*
[Cinthia Creatini da Rocha]

Completamente inebriada pelo convite da colega-amiga Giselle Guilhon, após a experiência conjunta na Comissão de Bem-Estar do **18th IUAES World Congress**, realizado em 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina, aceitei participar da coordenação e organização do **I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança**, previsto para

2019. Giselle soube provocar-me com astúcia, a partir de um lugar de encorajamento diante dos novos desafios. Prestes a concluir o pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFSC, e sentindo que, dali em diante, novos ventos soprariam para lançar-me em alto-mar, tomei a convocatória da Gi como uma oportunidade para honrar o universo acadêmico, contribuindo para a minha trajetória teórica e de meus pares. Etnóloga de formação, imersa em pesquisas realizadas em terras de povos ameríndios, a dança não havia sido até então objeto de aprofundamento. Mas, intuitivamente, sentia que colocar-me em movimento, em marcha "pela" e "para" a dança, traria vigor e espaços para desabrochar encontros, produções, redes, talentos, expertises, teorias e magia. Muita magia! Foi assim que, sob minha ótica, se consolidou o **I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança**. Uma bandeira erguida em reverência à Deusa Mística que tudo move e nos coloca em "movência". Fiquei responsável pela coordenação da Mesa Redonda '**Corporeidades Ameríndias: dança, *performance* e ritual**', que reuniu um corpo de autores com trabalhos preciosos partilhados através de imagens, canções, invocações, *performances* e, pasmem, oração e defumação. Sim, a proposta desta Mesa era, desde o princípio, impregnar a estrutura acadêmica de *plasma*. Explico melhor: desejávamos um espaço para compartilhar aquilo que, enquanto pesquisadores, encontramos em nossas etnografias, no campo das artes, das culturas, dos rituais, das corporeidades ameríndias. Algo que nossos interlocutores têm insistentemente nos transmitido: o poder, neste caso, da dança, enquanto tecnologia de magia e cura. Das boas memórias impregnadas no âmago de cada fio desta teia que foi o I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança, fica a compreensão sobre a amplitude dos modos de ser, estar, perceber e dançar o mundo vivido, algo inerente à capacidade das artes de promover flexibilidade e potencial inovador, estendidos aqui à conceptualização do tempo e do espaço. E desde esse tempo e espaço fluidos, tenho certeza de que as danças e andanças empreendidas para a realização do evento seguem em manifestação nas espirais da história humana, consolidando assim um legado para que outros Colóquios aconteçam!

5. *E dando o primeiro pulo / Tornou-se o verso e o reverso / De tudo que é universo*
[por Maria Acselrad]

Este **1º Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança**, realizado em Florianópolis, Santa Catarina, em maio de 2019, aconteceu num momento político

extremamente delicado, quando se abriram as portas para um período de retrocesso e desmonte de políticas públicas duramente conquistadas – "página infeliz da nossa história", em que testemunhamos um Governo[1] se apropriar do Estado como verdadeira máquina de guerra, utilizada contra qualquer forma de vida que se opusesse à sua política reacionária e entreguista, inspirada por ideologias obscurantistas. O pensamento crítico produzido nas universidades públicas encontrava-se na mira, assim como as forças artísticas e culturais que representavam qualquer tipo de resistência ou forma de enfrentamento, com potencial transformador. Nesse contexto, era impossível pensar a dança ou dançar desvinculado das lutas em que ambas as práticas se encontravam implicadas. Coordenando a Mesa Redonda '**Danças de Guerra e de Luta: resistência e enfrentamento na dança'** – participaram comigo desta Mesa os colegas Carolina Laranjeira (UFPB e) Scott Head (UFSC) –, foi possível discutir tais estratégias de resistência e enfrentamento, postas em prática na *performance*, na criação e nos processos de ensino e aprendizado de tradições populares, assim como nos contextos educacionais que dialogam com esse universo e que articulam historicamente o lugar e a potência de serem ao mesmo tempo campo de desenvolvimento da dança e da luta pela dança. Por isso, talvez, mais do que nunca, foi importante chamar atenção para as diferentes forças que movem a dança, assim como para as diferentes formas que assumem a luta. Acreditávamos que, no ato de trocar e confrontar tais forças, poderíamos encontrar o caminho para a transformação desse cenário.

6. *E não havia nada / Espírito de tudo / Dando o primeiro pulo*
[por Marcio Pizarro Noronha]

E do nada se fez um Salto. Ao escrever, sou leitor. E sinto a narrativa compartilhada como o esforço heroicizante de fazer acontecer o encontro épico e revelar uma epopeia latino-americana. Digo isto por conta das dimensões espaço-temporais deste livro dos livros. Aqui estão reunidos trabalhos que revelam o que temos sido, o que somos e o que ainda vamos ser.

[1] Alusão ao Golpe de Estado instituído pelo Congresso Nacional em agosto de 2016, que destituiu a presidente Dilma Rousseff de suas atribuições, dando início a um conjunto de reformas trabalhistas e previdenciárias, a exemplo da PEC 95, instituída em 2017, mais conhecida por "PEC da Morte", uma emenda constitucional por meio da qual foram congelados, por vinte anos, os gastos públicos destinados à Saúde e à Educação. As consequências dessa medida e seus impactos nas futuras gerações são de uma gravidade cuja dimensão ainda não se pode precisamente avaliar.

Salto do sentido: Aion. Redes compartilhadas de significações numa multiplicação de temas, conceitos, metodologias, ferramentas de trabalho. Num ir e num vir, de trás para a frente, de frente para trás, como uma dança, marcada por repetições e diferenciações, singularizações. Assim, pude escutar de tudo e mais um pouco no tempo da gestação deste projeto, no tempo da gestão do propósito, forjando a realização do encontro, e no tempo da meditação que, tal como nesta escrita, repete e se diferencia do acontecido-vivido.

Paisagem do tempo – passagem quantificada em dias e meses de trabalho –, pois fabulamos no Chronos, desde o projeto do encontro ao projeto da narração que forma este livro. Tudo e mais um pouco de Kairós a cada um dos marcadores temporais, nas escolhas que fomos fazendo, nas urgências que nos fizeram trabalhar conjuntamente. Saber esperar e saber agir dentro da cavidade das oportunidades. Foi oportuno e fortuito promover esta reunião. E o é agora novamente, enquanto terminamos a jornada.

Quem nos ler certamente fará a viagem do e no tempo-espaço que todos nós, atuantes-brincantes deste projeto, também fizemos. E talvez possa sentir rastros das nossas experiências. Então tivemos tudo: continuidade, repetição e diferença, oportunidade e intensidade em nossas eleições. Estivemos atentos e reunidos, mesmo quando parecíamos distantes.

Na continuidade, contamos a nossa história *in progress*, mostrando a trama do fio dos anos e a passagem do tempo no relógio. A urgência de realizar que também nos pressionou e que nos trouxe até aqui.

Na intensidade, experimentamos a sensação e os múltiplos sentidos da passagem e da densidade e inércia do tempo. Resistimos. Sofremos. Amamos. E escrevemos e reescrevemos as nossas passagens. Tudo aqui se imiscui em desejos e em memórias. Escrevemos, do introito ao final, para coroar de sentido. *Flashbacks*. *Flashforwards*.

Nas oportunidades, abrimos as portas e unimos o mítico, o mágico e o coletivo ao atual. Uma reversibilidade na longa duração se fez e nos posiciona na própria história do que fizemos. Uma história dos nossos saberes disciplinares indisciplinados da Antropologia da Dança e seus arredores, suas vizinhanças. Ao fim, ao meio e ao início, o traço e o rastro de nossas escritas compartilhadas nesta publicação nos levaram e desejam também levar toda a leitura a dimensões que dialogam com as antropologias.

E fez-se, no *primeiro pulo*, um nome – o do *Salto*.

Reunião histórica de criação do **I Colóquio Latino-Americano de Antropologia da Dança**, realizada no *hall* da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), durante o **18th IUAES World Congress**. Florianópolis, 17 de julho de 2018.

Foto 1. Da esquerda para a direita: Felipe Berocan Veiga, Betânia Duarte, Patrícia Aschieri, Giselle Guilhon, Ana Laura Quiñones, Jonathan Skinner, Daniela Botero Marulanda, Ceila Portilho Maciel, Natacha Lopez Gallucci. **Foto 2.** Da esquerda para a direita: Patrícia Aschieri, Giselle Guilhon, Felipe Berocan Veiga, Daniela Botero Marulanda, Ceila Portilho Maciel, Natacha Lopez Gallucci.

Foto 3. Da esquerda para a direita: Betânia Duarte, Patrícia Aschieri, Giselle Guilhon, Ana Laura Quiñones, Jonathan Skinner, Daniela Botero Marulanda, Ceila Portilho Maciel, Natacha Lopez Gallucci. **Foto 4.** Da esquerda para a direita: Patrícia Aschieri, Ceila Portilho Maciel, Jonathan Skinner, Giselle Guilhon, Felipe Berocan Veiga, Natacha Lopez Gallucci.